

É hora de pedir desculpas, ministra.

Arrancados do ambiente acadêmico, onde, no papel, todos os intrincados problemas de uma economia complexa como a brasileira podem ser resolvidos de maneira indolor com a aplicação de umas tantas fórmulas matemáticas, os economistas da equipe da ministra Zélia Cardoso de Mello — e ela própria — hoje trombam com a realidade.

Quando do anúncio do ousado plano antiinflacionário que elaboraram, esses economistas garantiam que a queda da inflação seria rápida e o custo social da estabilização mínimo. A redução das atividades, se houvesse, seria pequena e de curta duração. Infelizmente, estavam inteiramente enganados. Quase dez meses depois, a inflação oficial atingiu 16,64%, o índice mais alto do governo Collor (excluída a inflação de abril, fortemente influenciada pelos reajustes que precederam a decretação do plano de estabilização econômica), e a produção brasileira, que registra a maior queda desde 1981 — 3,8% do PIB —, certamente vai cair ainda mais.

Essa combinação corresponde àquilo que o ex-ministro Mário Henrique Simonsen chama de "inferno zodiacal de todos os programas de estabilização", que é a estagflação — uma economia estagnada e com inflação alta. Felizmente para os economistas do governo, esse "inferno" encerra dois elementos contraditórios entre si, de modo que, em muitos casos, um deles devora o outro. Imaginemos a recessão levada ao limite da paralisação, situação em que não haveria transações econômicas; sem negócios, a inflação morre.

No caso brasileiro, não há razões para se suspeitar que a inflação continuará a subir nos próximos meses. Pelo contrário, o que há são indicações bastante claras de que a tendência é de queda. Os brasileiros estão comprando menos e, por causa disso, o comércio está sendo obrigado a reduzir os preços — ou a refrear os aumentos. Como peças de um jogo de dominó, cada etapa do ciclo produtivo será sucessivamente obrigada a adotar comportamento semelhante, do que resultará a queda da inflação.

Pouco se pode dizer, no entanto, quanto ao comportamento da recessão. Os empresários sabem que ela será longa, o que representará redução ainda maior dos empregos e da renda dos brasileiros e o sacrifício de muitas empresas ao longo do processo.

São inteiramente fora de propósito, diante desse quadro, as críticas que a ministra Zélia

Cardoso de Mello insiste em lançar contra o empresariado, acusando-o de buscar lucros abusivos e de boicotar o plano econômico. O plano, na verdade, vive um fracasso momentâneo, não por culpa dos empresários, mas da própria equipe econômica, como temos mostrado nesta seção — e esse fato deveria levar a ministra a agir com alguma humildade. Falta-lhe autoridade moral para dar aos empresários lições de como agir em períodos de crise.

É grotesco que, num momento em que as empresas estão preocupadas com sua sobrevivência, a ministra fale em reinvestimento de lucro com o objetivo de se buscar maior eficiência. Que lucros podem ter as dezenas de empresas que foram ou estão sendo empurradas para a concordata? Como uma empresa de eficiência comprovada como a Rhodia pode pensar em investir se, no momento, diante da tremenda redução das encomendas, precisa conceder férias coletivas para 5.500 empregados, medida adotada também por 60 das 130 grandes e médias indústrias têxteis do próspero Vale do Itajaí, em Santa Catarina?

Diante desse quadro recessivo e inflacionário que enche de mais angústia um povo que já vive angustiado há mais de dez anos, se tivesse um mínimo de sensibilidade política a ministra da Economia deveria pelo menos fingir que se sente envergonhada e pedir desculpas pelas promessas não cumpridas, antes de, com muita humildade, pedir a ajuda da sociedade — e dos empresários em particular — para que colaborem com ela no esforço para evitar o pior, inclusive ajudando-a a errar menos.

A arrogância que exibe na agressão sistemática ao empresariado não é a maneira mais inteligente de conquistar apoio para um governo que se encontra evidentemente desarvorado. E não é, também, a maneira mais eficiente de convencer a opinião pública de que é sincera quando afirma que "é capitalista". Existe muita gente bem informada neste país que há muito desconfia que nem ela nem sua equipe trabalham realmente pela implantação, aqui, de um capitalismo moderno. Porque, se são "capitalistas", a professora Zélia e seus principais auxiliares são "capitalistas novos", como os cristãos nascidos na Inquisição. Até ontem, quando muita gente aparentemente inteligente, principalmente no setor universitário, ainda levava a sério o socialismo, suas posições eram bem diferentes.